



Reflexión Teológica

Bioética no contexto das grandes transformações atuais

Márcio Fabri dos Anjos, C.Ss.R

Resumen

.....
Las transformaciones socioculturales y tecnológicas actuales componen el trasfondo de la bioética moderna, donde nacen los interrogantes sobre los caminos éticos que puedan garantizar la vida con dignidad ahora y en el futuro. Aquí se trata de comprender la radicalidad de las transformaciones y luego los desafíos de una construcción ética. Los ejes de comprensión están puestos en los modos de producir bienes de consumo; construir relaciones sociales y ambientales; y alimentar sentidos y significados para el vivir. Se ofrece así una introducción general a la bioética actual.
.....

O contexto das grandes transformações sócio-culturais em que se situa a bioética atual é um assunto amplo e bastante entrelaçado. Amplo porque se abre a muitos e diferentes enfoques sobre o tema. Entrelaçado porque são muitos os fatores que se entrecruzam na explicação de fenômenos e tendências que compõem o contexto. Buscamos aqui abrir algumas janelas de compreensão, ou chaves de leitura para se entender o ethos cultural que abriga a bioética em nossos tempos. Vivemos em um ambiente marcado pelos avanços das ciências e tecnologias. Mas estas não constituem um fator que se possa entender isoladamente; de fato as implicações que as acompanham são múltiplas e profundas. Na busca de tais compreensões daremos particular atenção aos aspectos antropológicos que os acompanham.

Esta abordagem é naturalmente um preâmbulo básico para se desenvolver em seguida outras questões específicas, particularmente o discernimento de valores e de normas éticas. Com isto, não será nossa preocupação neste momento descrever as próprias biotecnologias, nem sequer avaliar as argumentações e seus significados

éticos. Da mesma forma, ao visar descrever os aspectos éticos, ficará em segundo plano uma atenção aos inúmeros benefícios dos avanços científicos e biotecnológicos da atualidade. Por isto, esta introdução não deve ser confundida como uma visão pessimista e negadora do progresso científico.

Como método, ocupamo-nos primeiro em criar um esquema de aproximação do assunto, para situar em seguida os tipos de questões emergentes e o ambiente de seus possíveis encaminhamentos.

1. PRODUIR E REPRODUZIR A VIDA: DESAFIO E CONTEXTO

Vivemos hoje grandes mudanças no mundo. São transformações radicais a tal ponto que podemos falar de uma mudança de época na história da humanidade. Este fato se torna o grande ambiente para nos colocarmos diante de muitas questões éticas. Os problemas aparecem nas mais diferentes áreas e mais variadas formas. Entretanto, talvez mais do que fora de nós, a provocação ética nos atinge por dentro, em nossos critérios, em nossa própria forma de pensar. É preciso então

buscar uma compreensão mais global, para se ter uma noção melhor sobre o que fazer.

As grandes perguntas sobre as transformações pelas quais estamos passando no mundo estão estreitamente relacionadas com as mudanças nas formas de produzir e realizar a vida. Já nos

anos '60, o Concílio Vaticano II percebia esta relação e chamava a atenção para um alcance maior que se desencadeava:

Com seu trabalho e sua criatividade, o ser humano tem sempre buscado desenvolver sua vida. E hoje em dia, especialmente através da ciência e da tecnologia, vem ampliando continuamente seu domínio sobre quase toda a natureza. E através de aperfeiçoados meios e múltiplas formas de intercâmbio entre as nações, a família humana vai se percebendo e vai se constituindo como que uma comunidade. Com isto, muitos bens que antes o ser humano esperava vir de forças superiores ou divinas, hoje são buscados através de

As grandes perguntas sobre as transformações estão estreitamente relacionadas com as mudanças nas formas de produzir e realizar a vida.

sua própria iniciativa¹.

É interessante notar como neste texto de mais de quarenta anos atrás aparecem três eixos fundamentais para caracterizar os novos tempos. Menciona primeiro os avanços da *ciência e tecnologia*. Em seguida fala de novas formas de *relações* no

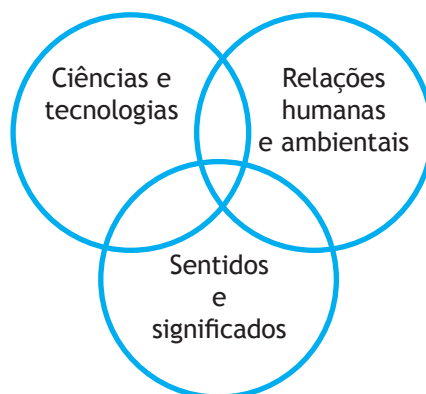
mundo, trazidas pelas novas tecnologias. E conclui dizendo que estas mudanças provocam uma transformação nos *sentidos* através dos quais entendemos nossas ações e até mesmo a ação de Deus no mundo.

Uma análise de cunho filosófico² sobre as formas de produção da vida, identifica também, por outras vias, estes três eixos. De fato, se refletirmos sobre as formas básicas de sobrevivência humana, percebemos que necessitamos de alimentos e objetos ou instrumentos de apoio; dependemos de relações, inclusive para o nosso próprio nascimento, mas também para nossa sobrevivência como seres humanos; e, dada a característica fundamental do humano como consciente, necessitamos

igualmente de sentidos e significados para sobrevivermos.

Tomando estes três lugares da produção de nossa vida, temos uma primeira chave para abrir a compreensão do grande contexto em que se situa a bioética em nossos dias, e dentro da Vida Religiosa. É importante notar desde já que existe um grande entrelaçamento entre estes três eixos. Os avanços científicos provocam mudanças nas relações e nos significados que carregamos na vida; as relações propiciam os avanços científicos e a construção de novos significados; os significados modelam as relações e oferecem horizontes para os avanços. Uma visualização deste processo poderia ser transcrita na figura de três círculos que se entrelaçam, representando cada qual um dos eixos, e ao mesmo tempo a interação entre eles. Uma exemplificação bastante fácil deste cruzamento está em um fato como este: ao se fabricar o plástico, criam-se facilidades práticas nas relações, mas ao mesmo tempo contruímos também a provisoriedade.

Chaves de compreensão



2. AVANÇO DAS CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS

Os atuais avanços científicos são hoje tão evidentes que dispensam argumentação. De certa forma ficamos tão habituados com novidades científicas que corremos o risco de banalizar o esforço que se faz para consegui-las. Mas o ponto fundamental nesta reflexão é ir além da novidade e tomar consciência sobre a forma como os avanços incidem em nossa própria constituição de seres humanos sociais. De fato, as incidências das ciências e tecnologias sobre a vida são multiformes e constantes.

Cada vez mais percebemos a interação entre o ser e o instrumento. Superando uma visão cartesiana de supremacia do sujeito sobre o objeto, devemos hoje reconhecer a profunda interação entre ambos,

ou pelo menos admitir que *ao produzir e usar instrumentos, nós nos modificamos com eles*. Neste sentido, todas as tecnologias têm uma incidência biológica.

Nasce daí o termo *biotecnologia*. Entretanto, o alcance deste termo só se compreende dentro do contexto mais amplo. Em outras palavras, o conjunto dos avanços tecnológicos, entrelaçado com mudanças de sentido e de relações, constitui o grande ambiente para se falar hoje de biotecnologias e dignidade humana.

Neste grande ambiente, os avanços científicos exercem hoje fascínio e entusiasmo. Constituem um eixo empolgante para a explicação das grandes mudanças que experimentamos. Convém lembrar de saída que as tecnologias se tornam possíveis porque existe o progresso das ciências. Estas, por experimentais que sejam, são

As pesquisas avançam e envolvem diretamente seres humanos, levantando interrogações éticas.

também hermenêuticas ou interpretativas. E por isto, não se pode pensar em avanço tecnológico sem uma concomitante elaboração de sentidos, como se verá mais adiante.

Os avanços tecnológicos como tais se abrem em inúmeras direções. Seria então difícil classificar a amplitude dos avanços científicos hoje. Mas até para quem trabalha em teologia, se torna útil correr os olhos na gama de pesquisas patrocinadas atualmente pelos governos no mundo. Mesmo em países de América Latina como o Brasil, estima-se que cerca de quinze mil projetos de pesquisa circulem anualmente pelos Comitês de Ética em Pesquisa institucionais. Isto significa que também entre nós, as pesquisas avançam e envolvem diretamente seres humanos, levantando interrogações éticas.

A produção de novos materiais e de instrumentos exemplifica este processo tecnológico que vem se avolumando desde séculos passados. Do emprego de energia, culminado de certa forma com a energia atômica, chegou-se à informática. Abriu-se com isto o caminho

para a modificação e construção dos próprios materiais indo além do aproveitamento de suas energias. Constroem-se instrumentos cada vez mais sofisticados, dos quais o “computador” se tornou um símbolo. Na verdade, as ciências da informática e computação se abrem para inúmeras aplicações e levam não apenas para a construção de instrumentos, mas possibilitam a engenharia de novos materiais, que por sua vez abrem caminhos para novos instrumentos. Uma verdadeira “espiral científica e tecnológica” onde uma conquista abre caminho para outras, acirrando a corrida científica atual.

Em uma grande síntese dos avanços científicos é possível ressaltar três passos subseqüentes da humanidade: o domínio sobre a força física do próprio ser humano ou de animais; o domínio da energia, onde as máquinas substituem a força física dos seres vivos; e o domínio das informações que constituem os seres, sendo que através do domínio de tais informações se pode organizar ou programar os próprios seres segundo os objetivos visados. Este último é o grande momento que estamos vivendo hoje.

Dentro deste quadro, o conceito de “biotecnologia”, entre os seus múltiplos usos possíveis, passa a referir tecnologias empregadas na produção da vida, onde algumas áreas chamam mais a atenção, como as modificações genéticas (vegetais, animais, humanas, transgênicas), a reprodução humana e os novos conceitos de terapia. O próprio ser humano se torna um alvo de biotecnologias.

3. DAS TECNOLOGIAS ÀS RELAÇÕES HUMANAS E AMBIENTAIS

O avanço tecnológico muito rapidamente incide sobre as *relações humanas e ambientais*. Sem isto, desapareceria o impacto ético. Seria impossível resumir a amplidão de tais incidências, mas mesmo assim busquemos algumas indicações que possam ser significativas para estudar a aproximação entre *dignidade humana e biotecnologias*.

O emprego de tecnologias traz, de modo geral para as relações, inúmeros *benefícios*, que podem ser entendidos como recursos e bens de consumo. Há que se reconhecer que a vida tem ficado muito facilitada atualmente. Como dissemos

de início, não nos ocupamos aqui em explicitar tais aspectos, mas nos atemos apenas ao lado mais problemático. De fato, os benefícios vêm cercados de outras questões e desafios. Vejamos alguns problemas globais dentro dos quais podem se inserir especificamente as biotecnologias.

Hoje, portanto, seria impossível avaliar eticamente as biotecnologias sem perguntar pela rede de interesses que as cercam.

Primeiramente, parece fácil entender como as tecnologias incidem na rede de relações. Um trator, por exemplo, pode substituir inúmeros empregados. Isto significa que, na produção de *benefícios*, diminui a participação numérica das pessoas; em termos práticos significa crise no emprego; e para os desempregados há crise também no acesso aos próprios *benefícios* produzidos. Em outros termos, mudam-se as relações de trabalho; a maior produtividade resultante das tecnologias concorre diretamente com as limitações do ser humano.

Neste exemplo pode-se notar um fator extremamente importante para se compreender o ambiente relacional das biotecnologias: o *poder*. Poder de produzir e de

usufruir. Acrescente-se o poder de controlar. Os avanços científicos trouxeram uma qualitativa mudança na estrutura do poder, mostrando que sua excelência se encontra no *saber*, principalmente no saber fazer. Isto tem feito com que a pesquisa científica hoje se torne uma

grande corrida estimulada pelos interesses principalmente em seus resultados e aplicações. Hoje, portanto, seria impossível avaliar eticamente as biotecnologias sem perguntar pela rede de *interesses* que as cercam.

E na análise dos interesses, se podem encontrar lado a lado interesses nobres e humanitários, como também interesses individuais e corporativos que se distanciam do bem comum. Podem-se assim detectar as artimanhas dos interesses que muito rapidamente transformam possibilidades técnicas em *promessas* muito além do realizável; *ocultam-se* os riscos e danos; estabelece-se a *concorrência* sem inquietações éticas. Se por um lado não se pode satanizar a comercialização dos resultados, seria por outro

lado ingenuidade avaliar eticamente as biotecnologias, esquecendo o grande jogo de interesses que as acompanha. Um exemplo claro apareceu no Brasil, acusado por médicas feministas, quando o jogo de interesses fala mais forte que a transparencia ética:

Não é à-toa: assim como querem controlar e patentear sementes vegetais, e já dominam as animais, querem controlar, totalmente, as humanas. Passaram décadas esterilizando mulheres (por não oferecerem outros métodos não definitivos de contracepção), agora vão oferecer bebê de proveta para as esterilizadas. A Fertilização In Vitro (FIV), expõe as mulheres a doses enormes de hormônios, assim como no caso das sementes, que só crescem com fertilizantes químicos. Lucra a Monsanto das sementes humanas, a Serono, empresa farmacêutica suíça, entre outras. Pagam, trabalhadores, num SUS que nem tem algodão para curativo de muitos. Pagam, mulheres com riscos e conseqüências pouco conhecidas desse processo que tem 90% de fracasso! Um dos hormônios usados na FIV é pro-

duzido por ratas com gene humano. Transgênicos de um lado e de outro. Além disso, a indústria das células-tronco, “que vão curar tudo”, precisa de embriões. Muitos embriões. A indústria farmacêutica também. É o biobusiness, o bionegócio, primo do agronegócio. Os camponeses sempre souberam que a fertilidade da terra é unida à fertilidade das mulheres, não é? Então, essa é a minha sugestão de artigo: as sementes humanas, vegetais e animais sendo industrializadas. É por isso que os embriões humanos estavam na Lei da Monsanto³.

Ao poder, como saber tecnológico, movido necessariamente por interesses, deve-se somar também a concentração do poder-saber tecnológico. De fato, nossa civilização contemporânea experimenta as maiores *concentrações de poder* conhecidas na história da humanidade. Elas se mostram com contundência nos contrastes entre riqueza e pobreza mundiais. Nunca se teve tanta facilidade para produzir, e no entanto os índices da pobreza e fome persistem. As concentrações se constroem ao redor de grupos econômicos e po-

líticos, e mudam o lugar e o papel dos próprios Estados e Nações na sociedade como um todo.

Este fato coloca o desenvolvimento e uso das biotecnologias em uma forte assimetria de relações. Basicamente porque os interesses dominantes de quem detém o poder, não são necessariamente interesses da comunidade humana. No fundo, ocorre um deslocamento do eixo sobre qual giram as relações, saindo dos interesses comunitários e se fixando nos individuais. No primeiro,

O indivíduo era *sujeito* unicamente enquanto estava integrado eticamente nessa comunidade, enquanto era cidadão da *polis*. Mas agora, o fato da a sociedade burguesa se esgotar nas relações econômicas, *libera* o indivíduo para que possa chegar a ser o real sujeito de todas as outras relações⁴.

Um importante fruto desta mudança está na ênfase que se dá hoje à *autonomia* das pessoas, um valor, sem dúvida, que emerge obviamente com novas faces liberais. Sua versão ambígua aparece especialmente quando a

afirmação da autonomia se presta para ocultar as dimensões da fragilidade das pessoas e deixá-las sem ajuda, sob o pretexto de não interferir em suas liberdades. Assim, a concentração de poder e o *individualismo* se juntam para integrar hoje o contexto social em que vivemos. Paradoxalmente o individualismo ocorre em um momento tecnológico em que os recursos da comunicação são eficientemente ampliados. Note-se, porém, como o individualismo atual se mantém em meio a tantos recursos que facilitariam a comunicação e a partilha, e não obstante o que se vê é crescer a concentração do poder.

Seria por fim indispensável colocar as biotecnologias também no contexto do crescimento da *violência* no mundo. Ciência e tecnologia trouxeram maior potencial de produção de bens, mas também mais eficiência na destruição. Conjugada com o movimento de concentração de poder, a violência se torna *institucionalizada*, e cresce em espiral, tomando forma de corrupção, lógica de exclusão, redundando em delinquência e terrorismo. Isto revela o pouco valor que se dá à vida humana e à vida de modo geral.

Por isto merece também atenção a violência exercida sobre o ambiente, a *violência ecológica*, devastação exercida sobre a “natureza” de modo geral, os animais, vegetais, o grande ambiente biológico na terra. Como é suficientemente sabido, estamos diante de

As grandes mudanças dos tempos de hoje implicam numa crise dos sentidos e significados que damos para as coisas

prognósticos alarmantes, cabendo assim a pergunta se as sociedades humanas conseguirão sobreviver. Parece por tanto incrível que, em meio a tanto avanços biotecnológicos, a bioética moderna tenha nascido exatamente de uma preocupação com a sobrevivência.

4. BIOTECNOLOGIAS E A CRISE DE SENTIDOS

As biotecnologias não podem ser pensadas em termos de dignidade humana se não perguntarmos pelo horizonte de sentido em que todas as realidades são interpretadas. E acontece que as grandes mudanças dos tempos de hoje implicam numa crise dos sentidos e significados que damos para as coisas, para nós próprios, para a própria dignidade humana. O termo “sentido” evoca diferentes conceitos,

que é interessante notar. Pode significar o nexo interno das realidades, enquanto percebido e/ou atribuído e formulado; o sentimento que acompanha tal percepção e atribuição; a direção que se imprime na vida e em seus gestos, a partir de tal percepção. Com isto,

fala-se aqui das mudanças em nossas representações dos seres e de nós próprios, e consequentemente do direcionamento que daí decorre para a ação.

Uma crise não é necessariamente negativa. Significa no fundo uma avaliação de critérios fundantes. Esta avaliação é provocada hoje de forma inevitável no bojo do próprio progresso científico e das novas formas de relações. Pois, por exemplo, quando se produz o plástico, se cria também o sentido de *provisoriedade*. Por meio de máquinas e computadores somos nós em nossa vida que nos abrimos para um sentido de maior *velocidade*, de *eficiência* e *poder*. A criança, usando um aparelho de controle remoto, experimenta uma forma de poder e aprende desde cedo a incorporar em sua vida os sentidos relacionados com

esta experiência. Superam-se assim as antigas teorias, em parte cartesianas, pelas quais se enfatizava a supremacia do sujeito pensante sobre os objetos, como já dissemos.

Uma análise completa e articulada desta crise e nova elaboração de sentidos é praticamente impossível. Mas podemos levantar alguns tópicos em vista da introdução que nos propusemos ao tema da dignidade humana e biotecnologias.

4.1 Sobre o ser humano

Começamos pelo sentido do próprio ser humano. Freud já chamou a atenção para uma profunda crise na compreensão antropocêntrica do mundo. Afirmou que o progresso das ciências trouxe “três feridas narcisísticas” para as pretensões humanas: a primeira quando Copérnico demonstrou que o universo não gira ao redor da Terra; a segunda, quando Darwin inseriu o ser humano na evolução do mundo animal; e a terceira, quando a psicanálise demonstra que o ego não é dono soberano das decisões no psiquismo humano⁵.

As recentes conquistas do sequenciamento dos genes humanos am-

pliam esta percepção. Para além das promessas de novos recursos biotecnológicos que daí derivam, e da dificuldade de cumpri-las, torna-se mais aguda a reinterpretação do ser humano no conjunto da vida. Segundo J. Craig Venter, presidente da Celera, uma das firmas responsáveis pelo projeto genoma, o sequenciamento redefine o lugar do ser humano entre os seres vivos com uma contundência proporcional àquela com que Copérnico redefiniu o lugar da terra no sistema solar. De forma jornalística se anunciaram resultados dizendo que Albert Einstein teria pouco mais de 1% de genes do que um rato e 50% a mais do que um nematódio, ou seja, uma lombriga. Em comparação com nossos parentes mais próximos, os macacos, as diferenças nas sequências entre os genomas do homem e do chimpanzé são extremamente pequenas, isto é apenas 1,3%, dando lugar a uma revisão profunda de conceitos que interpretam o próprio ser humano. De qualquer forma, o antropocentrismo, que predominava nas reflexões, sofre atualmente correções significativas inclusive no campo teológico, se não com respeito a sua ontologia, certamente porém com referência a seu lugar no universo e

no ambiente.

A crise sobre a compreensão do humano ganha proporções particulares ao se adentrar no próprio significado do “humano”. Ao desvendar o escondido da composição genética dos seres, descobre-se, como vimos a grande proximidade entre eles. Consequentemente emerge com nova força a pergunta sobre a *especificidade* dos seres humanos diante de outros seres vivos. Entretanto, no emprego de biotecnologias e mesmo no uso cotidiano de tecnologias, o ser humano modifica-se em sua constituição genética, em suas potencialidades, formas de agir e pensar. Intensifica sua interação com as máquinas, “incorporando-as” bem mais além das costumeiras próteses.

Até quando se persiste “humano” ao se adotarem modificações biotecnológicas? As crises de sentido nesta direção levam a se falar hoje em “condição pós-humana”. Não se trata aqui de responder a estas perguntas, mas apenas notar que elas se colocam. A expressão, mesmo que questionável do ponto de vista filosófico, chama a atenção para as profundas mudanças de sentido que aqui ocor-

rem. No bojo destas mudanças de significados começam a aparecer críticas ao próprio conceito de “dignidade humana”, que se compreendem melhor no tópico que segue.

4.2 Novas condições e espaços para a elaboração ética

As novas condições de vida referendam novos sentidos para o agir humano como um todo. Já mencionamos sobre a relação entre o uso do plástico e o sentido do descartável. Assim, no conjunto da experiência dos tempos tecnológicos, se constroem novos horizontes de sentido para o pensar e agir. As características gerais deste novo ambiente, chamado às vezes de *pós-moderno*, são um contexto e, ao mesmo tempo, uma condição para a reflexão ética, e por isto merecem atenção. Depois que as mudanças se consolidam diminui a *consciência* da mudança e persiste a nova *condição*.

Uma classificação das características desta nova condição é sempre precária. Não só por apresentarem muitas faces, mas também por se entrelaçarem em tantas conexões, de modo a se comple-

xificarem e parecerem muitas vezes paradoxais. E fundamentalmente também porque a elaboração dos sentidos, não obstante a contundência dos estímulos, é prerrogativa dos sujeitos, enquanto estes se refazem em seus horizontes de significações. Assim, uma aproximação deste tema terá ao menos os dois lados, ou seja, a mudança das condições exteriores e a elaboração dos sujeitos ao experimentá-las.

Com efeito, as novas tecnologias *possibilitam* novos sentidos. *Temporalidade* e *espacialidade* são um exemplo. Na fase da industrialização em que se dizia “tempo é dinheiro” já aparece o sintoma desta transformação. Situar-se no tempo recebe um sentido (*nexo, sentimento, direcionamento*) econômico. *Eficiência, praticidade, provisoriedade* vem integrando este horizonte. A experiência de espaço ficou nitidamente mudada com a eficiência dos transportes e com a comunicação “ao vivo” da voz e imagem. A superação das barreiras do tempo e do espaço descortina a experiência da chamada *realidade virtual*. Estas e semelhantes possibilidades

A autonomia dos sujeitos em suas individualidades é reforçada pelas formas modernas de produzir a vida.

não geram automaticamente um sentido, mas obviamente estabelecem o novo contexto da sua elaboração.

A ênfase dada ao *indivíduo* no conjunto da vida social é um chamado de atenção para o fato de que ali se tem um critério predominante neste processo de elaboração de sentidos dos sujeitos. A autonomia dos sujeitos em suas individualidades é reforçada pelas formas modernas de produzir a vida. A passagem da ênfase no indivíduo para o *individualismo*, fortemente estabelecido na sociedade ocidental, resulta de uma construção de sentidos que cabe à ética examinar.

4.3 O sentido de Deus e das religiões

Entre os importantes eixos de interrogação sobre sentido, advinda com as biotecnologias, está a pergunta sobre Deus. Desde as primeiras possibilidades de aplicações biotecnológicas, uma pergunta que apareceu na grande mídia era esta: se tudo isto não significava uma ousadia humana de “brincar de Deus”. O Concílio

Vaticano II, como vimos há pouco, relacionou a crise do sentido de Deus com a eficiência da atividade humana. Isto gera obviamente uma pergunta sobre qual o papel da razão humana, da sua criatividade e potencialidade para interferir nos processos biológicos conhecidos. Qual a força da “Lei Natural”, quando o “natural” para o humano é ser criativo.

Esta crise é trazida para a própria fundamentação com que as religiões estabelecem suas normas e seus juízos de valores sobre o emprego de biotecnologias. Com frequência se acusa a religião de lacrar os próprios argumentos sob o rótulo de “sagrado”; e de tornar disciplinarmente indiscutíveis suas normas e avaliações.

5. ENFATIZANDO ALGUNS PONTOS CRÍTICOS

Para concluir, tomamos alguns pontos críticos que decorrem das observações até aqui levantadas e que nos parecem importantes na reflexão sobre dignidade humana e biotecnologias. Mantendo os objetivos deste rápido panorama, visamos simplesmente

te lançar um preâmbulo para a discussão subsequente.

5.1 Mudança de eixos (paradigmas) na fundamentação

Note-se que um dos fatores das tensões éticas em torno das biotecnologias reside na mudança de eixos para a elaboração de sentidos, e consequentemente para a fundamentação de critérios avaliativos. A partir do novo ambiente sócio-cultural, contrapõem-se antigas questões com novos ingredientes:

Essência - existência: Esta antiga polarização que vem dos tempos do classicismo filosófico, está certamente presente hoje quando se quer pensar em dignidade no emprego das biotecnologias. As preferências hoje parecem propender para a indução. A definição do ser é fortemente buscada em suas características funcionais. Nas discussões sobre a dignidade humana, ou sobre o “humano” de modo geral, Peter Singer por exemplo indignou os espaços da bioética ao centrar, em outros termos, a dignidade humana na real potencialida-

de de vida consciente, de onde decorre a prerrogativa de o ser humano ser chamado de “pessoa”. Pois para ele, nem todo ser humano é pessoa. O “ser humanos” se garantiria como tal ao ter simplesmente características genéticas que o colocam dentro da espécie humana. Mas o “ser

pessoa” exigiria potencialidades reais de se exercer prerrogativas específicas das pessoas, tais como a consciência e liberdade. O que realmente indignou foi sua aplicação conclusiva dizendo que, entre um ser humano definitivamente desprovido de sua potencialidade de vida consciente e um chimpanzé sadio, ele privilegiaria o chimpanzé. Embora em um âmbito mais propriamente aplicativo e não constitutivo do conceito, Ruth Macklin em editorial do British Journal of Medicine também provocou reações ao afirmar que “o conceito de dignidade humana é um conceito inútil para a ética médica”. Tivemos oportunidade de escrever a este respeito⁶.

Ontológico - funcional: reproduzindo a antiga tensão entre es-

Estamos assistindo a uma corrida desenfreada onde a ética é mais tomada como empecilho e um mal do que como expressão de nossa dignidade.

sência e existência, a versão contemporânea leva hoje a definir o ser (ontos) através de sua potencialidade funcional. Esta tensão entre eixos interpretativos pode ficar mais clara na recente discussão sobre o feto anencéfalo. Ao estabelecer a morte encefálica como critério de morte da

pessoa, e portanto considerar o feto anencéfalo como natimorto, o Conselho Federal de Medicina de certo modo se fundamenta em um critério de potencialidade funcional. Outras argumentações recusam tais critérios acentuando que a essencialidade do ser humano não é comprometida por suas limitações, sejam quais forem.

Objetividade - subjetividade:

O deslocamento do comunitário para o subjetivo, como mencionamos anteriormente, implica em uma mudança de ponto hermenêutico. Hoje as propensões se voltam para interpretar privilegiadamente a partir do sujeito. Com este eixo, a autonomia dos sujeitos é fortalecida; abrem-se importantes aspectos relacionados com o dever de respeitá-la,

e mais do que isto, de nutri-la; acentua-se a necessidade de defender a vulnerabilidade das pessoas em suas diferentes situações. Tendem a se anular os compromissos do sujeito com os outros e com o ambiente que o cerca, naquilo que vai além dos próprios interesses subjetivos.

5.2 Poder técnico - Poder ético e a corrida dos interesses

Que força tem a ética diante da ingente concentração de poder e do jogo dos interesses econômicos e políticos na corrida pelas biotecnologias? Estamos assistindo a uma corrida desenfreada onde a ética é mais tomada como empecilho e um mal do que como expressão de nossa dignidade. Quem pode moderar a corrida competitiva de uma comunidade às vezes mais econômica que científica que busca ansiosamente chegar na frente e dominar o futuro? Há que se acolher com incentivo os esforços da Bioética e de instâncias como os Comitês de Ética em Pesquisa (envolvendo seres humanos), que marcam hoje a sociedade brasileira.

5.3 O desafio de legislar sobre biotecnologias

Diante do quadro descrito, pode-se imaginar como são grandes os desafios de estabelecer uma legislação sobre biotecnologias. A experiência dos Comitês de ética em pesquisa tem sido marcada por uma intenção clara de provocar a educação para a ética e a bioética. Mas não faltam tendências de cortar o caminho o aprendizado ético e transformar tudo em legislações com seus correspondentes dispositivos penais que suprimem em grande parte os espaços da internalização de valores para dar lugar ao cumprimento de parâmetros estritamente legais. É verdade que hoje existem muitos vazios legislativos em áreas de biotecnologias e diante dos quais a Bioética demonstra um esforço chamado genericamente de *biodireito*. Mas além da dificuldade de se chegar a legislações adequadas devido à pressão de interesses dominantes e de percepções divergentes na discussão de critérios, persiste também a dúvida se não se trocaria a ética por posturas simplesmente legais.

5.4 Lugar e papel da Religião e das Igrejas

Cabe, por fim, colocar como ponto crítico o papel que cabe às religiões e Igrejas na defesa da dignidade humana dentro dos atuais avanços biotecnológicos. Elas têm no mundo a tarefa específica de serem uma comunidade elaboradora e vivenciadora de sentidos e significados. Particularmente a Igreja Católica, conforme o Concílio Vaticano II, se propõe ser “mestra” e pedagoga de sentidos dignificantes. Quais seriam as exigências fundamentais para isto? É o que se espera desdobrar também nestos debates.

No horizonte de nosso imaginário e de nossas convicções certamente convém manter uma perspectiva otimista e confiante. Pois nas palavras do Concílio Vaticano II, temos a grandiosa missão de ser parceiros de Deus na condução do mun-

do: “A criatividade humana não é usurpadora de Deus. Seus avanços são sinal da grandeza de Deus e de sua inefável Sabedoria”⁷.

Notas

- ¹ Gaudium et Spes n.33
- ² BATAILLE, G. *Uma Teoria da Religião*. São Paulo: Ática, 1993.
- ³ OLIVEIRA, Fátima. *A industrialização da vida*. O TEMPO (Jornal, Belo Horizonte-MG) 25 de maio de 2005.
- ⁴ HERRERO, F.Javier. *O 'ethos' atual e a ética*. SÍNTESE. Revista de Filosofia (Belo Horizonte-MG), vol. 31, n.100, ano 2004, p.152.
- ⁵ FREUD, S. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. In: *Gesammelte Werke*. Vol XI, p. 294.
- ⁶ ANJOS, Márcio Fabri dos. *Dignidade humana em debate*. BIOÉTICA (Conselho Federal de Medicina, Brasília), v. 12, n.1, ano 2004, pp. 109-114.
- ⁷ Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n.34.



Años al servicio de la vida

1959 - 2009